

Acontecimento de real: inibição, sintoma e angústia

Ângela Mucida*

O acontecimento de real associado ao acontecimento de corpo tem um uso preciso em Lacan. O *acontecimento* aliado ao inconsciente real e à *lalíngua*- linguagem arcaica e fundamental constituída de sons, imagens, odores, toques, intraduzíveis-, apresenta-se para o ser falante mesmo antes do *advento* do sujeito na linguagem. Eis dois usos possíveis desses dois termos.

Em alguns momentos, a exemplo do Seminário *R.S.I* (1975) e *A terceira* (1974), Lacan os utiliza de maneira indistinta, talvez para demonstrar que, no tocante ao real em causa, eles tecem relações precisas. Entretanto, enquanto o *advento* expõe a pluralidade do real- *advento* da linguagem, da palavra, do significante, do objeto, do sujeito- o acontecimento de real ligado à *lalíngua* delimita um Real fora sentido, a-estrutural, que não se liga a nada, pois não tem como limite o recalque originário. Ele só pode ser apreendido parcialmente por pequenos rastros que retornam na cadeia significante e afetos enigmáticos.

O núcleo do conceito acontecimento de real encontra-se muito cedo em Lacan. No *Seminário I* ele destaca a existência de acontecimentos “formadores da existência” relacionando-os com o recalque originário e distinguindo-os do acontecimento (no singular) do trauma, “(...)infinitamente mais importante do que o acontecimento que se passa depois na ordem das referências subjetivas”(Se 1, p. 22). Retomando Freud em *O homem dos lobos* ele acentua que “é certo que nós não sabemos se ele viu ou se ele não viu, ele não pode saber o que viu em qual data e não poderá mesmo saber anos mais tarde.”(Se 1, p. 220). Associado à *Prägung* (impressão original) freudiana o “acontecimento traumático originário que não foi integrado ao sistema verbal do sujeito” só pode ser atingido no *limite* por um “jogo retroativo” *a posteriori*. Assim, todos os acontecimentos ou adventos que compõem a existência carregam essa impressão originária.

Em *Função e Campo* (1953) temos novamente a associação entre acontecimento primordial e trauma. Lacan associa em outro momento o acontecimento primário à *Erlebnis* freudiana, experiência primordial. Ele chega a dizer que uma coisa é essa experiência primordial e outra a objetivação do acontecimento (*Geschehnis*). Portanto, a realidade do acontecimento não coincide com sua historicidade, mas deixa marcas. Tese retomada no *Seminário 7: a contingência dos acontecimentos psíquicos* não deixa de representar algo do acontecimento, no singular.

Assim não interessa se o acontecimento de real ocorreu dessa ou de outra forma, mas como cada ser falante pode articula-lo na cadeia significante, a partir dessa marca tecida por Uns esvaziados de sentido e afetos enigmáticos que se apresentam na inibição, no sintoma e na angústia.

Nos anos 70, Lacan retoma o valor operatório desta tríade freudiana tendo como referência as modalidades do gozo. Valendo-se da planificação do nó borromeano, pois não se trata verdadeiramente de um nó, ele demonstra articulações e diferenças entre essas três respostas ao Real.

Avançando com as teses freudianas da inibição como limitação ao eu e do conflito entre eu e supereu, com tudo que isto gera de culpa e autopunição, Lacan acentua a presença de uma inflação imaginária aliada ao narcisismo. Esse excesso encontra-se nos efeitos do duplo, na rivalidade e na competição, tão presentes na vida contemporânea. Defesa contra o real do desejo, a inibição situa-se entre o imaginário corporal e o simbólico, definindo para Lacan um gozo do sentido.

Na angústia, o imaginário corporal encontra-se também presente, mas articulado ao real. Afeto que não engana por expor o real, a falta de significante no campo do Outro, a angústia toma o corpo, mas de maneira distinta da inibição. Exibindo a causa do desejo, ela presentifica o gozo do Outro. O que eu quero? O que o Outro quer de mim? Como o Outro goza? Questões que buscam responder aos

efeitos do acontecimento de real. Lacan nos deixa ainda uma pérola clínica: extrair da angústia a sua certeza.

Quanto ao sintoma, ele o define nos anos 70 como o que vem do Real. Ele é o acontecimento de corpo, real, efeito da *lalíngua* sobre o ser falante. Lacan o iguala ao nome próprio do sujeito. Sem o sintoma não existiria o fazer do psicanalista. De todo modo uma análise não se realiza sem irrupções de angústia e os adventos de inibição.

Esse Colóquio é um convite a resgatar essa tríade sob a perspectiva dos efeitos do acontecimento de real, singular, que insiste e resiste ao universal do mal-estar na cultura.

Com Freud e Lacan apostamos que "Nosso ofício é mostrar a impossibilidade de viver, a fim de tornar a vida um pouquinho possível. Você já viveu a hiância extrema, por que não alargá-la mais, a ponto de se identificar com ela?" (Lacan)

Referências bibliográficas

Freud, S. Inibição, sintoma e angústia. In: *ESB das Obras C. S. Freud*. RJ: Imago, 1976

Lacan, J. *Seminário I* (1953/54). RJ: Jorge Zahar, 1981.

----- Função e Campo da palavra e da linguagem. (1953) In: *Escritos*. RJ: Zahar, 1998

----- *Seminário 7* (1959/60). RJ: Zahar, 1986.

----- *Seminário A angústia* (1962/63) RJ: Zahar, 2005.

----- *R.S.I* In: http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975_329

----- La troisième In: <http://www.valas.fr>

----- Joyce o sintoma (1976) In: *Autres Écrits*, Paris, aux Éditions du Seuil, 2001

* A.M.E da EPFCL- Rede Diagonal Brasil- Forum Diagonal Belo Horizonte. Psicanalista Doutora em Psicologia, Autora dos livros: O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice e Escrita de uma memória que não se apaga (Autêntica) e Atendimento psicanalítico do idoso (Zagodoni ed.) e vários artigos no Brasil e no exterior.